

## Introdução

A questão da alteridade percorre toda a obra de Lacan e encontramos suas diferentes modalidades tematizadas a cada avanço de seu ensino. Para a finalidade deste livro introduzimos, de forma necessariamente incompleta e condensada, cinco modalidades – que nos mostram como não há sujeito sem outro. Assim, abordamos o pequeno outro, o semelhante, igual e rival, que se encontra no par do estádio do espelho, sendo, portanto, do registro do imaginário; o grande Outro, cujo discurso é o inconsciente, que se manifesta nos sonhos, lapsos, sintomas e chistes e que, por ser da ordem do simbólico, é tecido de linguagem e pode ser “encarnado” no Outro do amor – inclusive o amor de transferência –, ao qual se dirigem as demandas e ao qual está articulado o desejo. Em seguida, apresentamos o objeto *a*, o outro pulsional no registro do real, que é o objeto causa de desejo, que se apresenta na fantasia e que se manifesta na angústia quando a falta falta – é o objeto condensador de gozo como objeto da pulsão em suas modalidades de objeto oral, anal, olhar e voz. No campo do gozo estruturado pelos discursos que constituem os laços sociais, o outro toma um lugar diferente conforme se esteja no discurso do

mestre, do capitalista, do universitário, da histérica ou do analista, e assim pode ser tratado como escravo, consumidor, aluno, mestre – mas o único laço social que trata o outro efetivamente como sujeito é o discurso do analista. E, por fim, abordamos o outro gozo, *Heteros*, que é o gozo feminino para além do gozo fálico masculino, que Lacan conceitualiza a partir das fórmulas da sexualização. Este nos oferece uma outra lógica – distinta da lógica fálica que rege o ser e o ter, a medida e a razão – que nos abre para o outro como radicalmente diferente, imprevisível e sempre surpreendente. É a lógica do não todo, a lógica da diferença, enquanto diferença radical.

## O pequeno outro

Quem é você, que está diante de mim, que é meu semelhante, ser humano como eu – seja você homem ou mulher –, feito à minha imagem e semelhança, feito de uma corporalidade que me faz crer até que somos irmãos?

E eu? Quem sou eu em relação ao outro? Que segurança tenho de que eu sou eu e não um outro? Freud revolucionou a subjetividade ao mostrar que o eu não é senhor em sua própria casa, e Lacan desfez a ilusão de totalidade, a pretensão de síntese e a miragem da unidade do eu, mostrando que o eu é – antes de mais nada – outro. *Je est un autre*, dizia Rimbaud. E aquele que vejo na minha frente, como outro – foi a partir dele que eu fui feito. Eu é que sou feito à imagem e semelhança do outro. Mas que confusão!!!!

É isso mesmo: o eu e o outro se confundem. Eu projeto no outro conteúdos, intenções e até pensamentos meus; eu me vejo nesse outro no qual identifico traços meus, eu o vejo como meu ideal, que tanto admiro – como eu gostaria de ser igual a ele! Ou o vejo como meu rival e quero que morra! Ou o vejo com tudo aquilo que eu gostaria de ter – que inveja! Por que ele tem e eu não tenho?

Esse próximo que se assemelha a mim e a quem me ensinaram dever amar é, antes, um intruso. O outro é igual e rival. Constituído pela imagem do outro, o eu está para sempre alienado a seu outro-ideal. O que Freud descreve como o eu ideal, modelo à imagem e à semelhança do qual o eu se constitui, é encarnado pelo outro-ideal que o neurótico sempre encontra entre seus camaradas. *É aquela mulher, linda, que deve saber o que é ser mulher. Ela sabe ser feminina, se vestir e ganhar os homens! Como ela consegue?* Eis a outra mulher da histérica que ela sempre encontra na irmã, na amiga, na colega de trabalho etc. *Aquele é que é o cara! Tem poder, prestígio, dinheiro, está sempre com belas mulheres... e eu o que eu tenho?* Eis o outro homem do obsessivo com o qual o sujeito se encontra em competição e se compara para ver quem tem melhor desempenho no trabalho, no sexo etc.

Esse outro intruso, que se manifesta como semelhante, é experimentado e percebido como aquele que invade o que é meu e rivaliza comigo, ou seja, compete com o meu eu pelo mesmo lugar. Pois o eu e o outro entram numa luta pelo reconhecimento mútuo e recíproco. Trata-se de uma luta para ver quem tem mais prestígio do que o outro,

e para tal é necessário que um reconheça o outro. Nessa luta, descrita por Hegel como uma luta de “puro prestígio”, na dialética do senhor e do escravo, há um desejo de reconhecimento de um pelo outro que se transforma em uma luta mortal, pois eles entram na lógica do “ou eu ou você”. Eis a luta travada no âmbito do narcisismo em que um quer ser reconhecido como um eu (ego) pelo outro.

Lacan descreve o que ocorre na subjetividade da criança quando nasce um irmão como *complexo de intrusão*. Ela o sente como um intruso que vem apropriar-se do lugar que o pequeno sujeito imagina ocupar no desejo da mãe (que representa uma outra alteridade, o grande Outro). Mas o sujeito identifica-se com este outro, o irmão, de modo imaginário, e o outro se torna indissociável do eu e, pior, o eu é indissociável do outro. Essa bipolaridade caracteriza o registro imaginário e constitui a infelicidade do homem, pois o outro, quando não é objeto de desejo, é um estorvo, um inferno. Um eu nunca vem sozinho – ele está sempre acompanhado do outro, seu eu ideal. Eis por que a instância do eu é fundamentalmente paranoica.

A indissociabilidade entre o eu e o outro traz a marca, e é datada, do *estádio do espelho*. Trata-se de uma construção lógica proposta por Lacan, a partir da observação de crianças, que corresponde ao narcisismo e à constituição do eu através da imagem do outro.

### *O mito de Narciso*

Narciso, jovem adolescente, de extrema e delicada beleza, cobiçado por moças e rapazes, não se interessava e não